

VIDA ACADÊMICA NA ORLA DA DIFERENÇA

Equipe Editorial deste número:
André Monteiro (UFJF)
Edmon Neto de Oliveira (UniAcademia)

Este dossiê da Revista *Ipotesi*, intitulado “Estéticas da vida acadêmica”, reúne o trabalho de diversos pesquisadores de universidades públicas brasileiras no ano em que o mundo retrocede diante da pandemia do coronavírus, que se alastra de forma mortal pelos cantos do globo. No caso brasileiro, presenciamos, ainda, a proliferação de discursos que se voltam contra o desenvolvimento científico e contra o conhecimento de modo geral, retardando políticas sanitárias mais eficazes e promovendo desinformação generalizada. Por isso, antes de tudo, os organizadores gostariam de agradecer aos autores deste volume, que se debruçaram sobre os seus respectivos trabalhos em um momento de incertezas e angústias. Se pensar as estéticas do mundo acadêmico envolve a produção de subjetividades a partir da circulação e dos encontros de corpos nos espaços da vida universitária, 2020 interrompeu essa vivência e obrigou as relações a se tornarem quase exclusivamente virtuais.

Contudo, a noção de vida acadêmica calcada na presença perpassa todos os textos que ora são apresentados nesta edição. A proposta do dossiê era receber contribuições que pensassem os discursos e as práticas acadêmicas (leia-se: metodologias de pesquisa, produções textuais, concepções pedagógicas etc.) nos possíveis encontros e desencontros entre o campo conceitual (filosófico e/ou crítico e/ou teórico e/ou pedagógico) e o campo estético (poético e/ou literário e/ou ficcional e/ou artístico). Esperava-se, de início, que a problematização de tais encontros e desencontros pudesse agenciar a possibilidade de produção de singularidades estético-conceituais capazes de produzir resistência política aos processos de homogeneização inscritos na cultura contemporânea. Sendo assim, os artigos aqui organizados, de muitas maneiras atendem a essas expectativas e contribuem sobremaneira para a construção de um espaço acadêmico marcado pela diferença.

O texto de abertura, “Esquecer e lembrar – dádiva e maldição em Fazes-me falta, de Inês Pedrosa”, é de autoria de Alessandra Leila Borges Gomes Fernandes e Eliade Rose Menezes Ramos de Oliveira. As autoras percorrem trajetória que passa pelo viés filosófico, político e cultural no intuito de analisar o terceiro livro da escritora e jornalista portuguesa Inês Pedrosa. A abordagem do artigo concentra-se no par memória/esquecimento, na medida em que a dimensão biográfica da escritora é levada em consideração para se pensar como o esquecimento pode ser medida necessária para a lembrança. Assim, o apelo aos materialistas franceses André Comte-Sponville, Henri Bergson e Paul Ricouer marca a escolha teórico-metodológica das articulistas frente ao problema observado no romance, que tem como uma de suas motivações o poema “A arte de perder”, de Elizabeth Bishop: “Aceite, austero, / A chave perdida, a hora gasta bestamente. / A arte de perder não é nenhum mistério”¹.

Em seguida, o artigo “Experiência e corpo: a presença em movimento e uma leitura de *Fantasia leiga para um rio seco*, de Elomar Figueira Mello”, de Ana Cristina Moreira Pessôa, parte da ideia de “performance de leitura” para analisar o álbum de 1980 do artista baiano, gravado com a Orquestra Sinfônica da Bahia. A autora recorre a notórios estudiosos, como José Miguel Wisnik, Hans Ulrich Gumbrecht e Paul Zumthor, a partir dos quais a apreciação da obra de Elomar considera a corporeidade do sujeito que

¹ Tradução de Paulo Henriques Brito. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/47880/a-arte-de-perder>. Acesso em: 16 dez. 2020.

a observa. Nesse caso é Ana Cristina Moreira quem se deixa frequentar pelo objeto artístico eleito como *corpus*, tensionando, em sua leitura, percepção corporal e cognitiva; efeitos de presença e efeitos de sentido, entendendo a música como campo vibratório em movimento. Por meio de um empirismo concentrado, fundamentalmente, na sua experiência de leitora, a articulista busca afastar-se da ideia de um observador transcendental e tenta deixar entrever, em sua análise, a presença de um corpo – a exemplo do *Dasein* [ser-aí] de Heidegger – funcional e espacial.

Já em “‘A história da arte está sempre por recomeçar’”: anotações sobre Aby Warburg e Walter Benjamin”, Constance von Krüger cria proposta na qual a historiografia tradicional da arte possa ser repensada a partir da observação das potências das artes por elas mesmas, e não por meio de uma suposta superação de movimentos cronológicos que dão, à compreensão da história da arte, uma dimensão reduzida ou falseada. Levando em consideração os autores alemães explicitados no título do artigo, a autora explora as metodologias dos dois pensadores, marcadas pelos atravessamentos do tempo que permitem que os objetos artísticos sejam investigados de maneira menos engessada. Nesse sentido, o interesse recente pelas contribuições de Aby Warburg junta-se ao já consolidado Walter Benjamin nas pesquisas de humanidades brasileiras, reiterando a relevância desses pensadores para os estudos contemporâneos.

Emílio Maciel, em “Abrindo A Caixa De Pandora: O Ensaio como Exorbitância”, discute o ensaio e suas implicações formais e conteudísticas nos discursos e produções acadêmicas. Visto como gênero que pode enfrentar limites no trato de questões que exigem rigor metodológico, o ensaio permite um delineamento mais pessoal dos objetos dos quais trata, sendo esse o ponto nevrálgico da análise do autor que aborda, ainda, o *modus operandi* de instituições que se voltam contra “a ameaça anti-fundacionista da tradição ensaística”. Para efetuar esse debate, o próprio Emílio Maciel recorre ao tom ensaístico, de modo a defender a proposta ético-estético-política do dispositivo-ensaio que funda, na linguagem, aporias; e marca a resistência de um discurso que reivindica para as humanidades uma liberdade que não significa, necessariamente, perda de rigor e irresponsabilidade no trato dos objetos que lhe são concernentes.

Em “Corpo e conhecimento: propostas para um encontro”, Giuliana Cerchiari de Andrade volta-se para um projeto pedagógico baseado em jogos teatrais. A partir da montagem do espetáculo *L'été de nouveau*, de Laurent Van Wetter, conduzida pela professora Dra. Cristina Moerbeck Casadei Pietraróia, da USP, a articulista analisa de que modo tais jogos podem contribuir para a consciência voco-corporal dos estudantes de uma disciplina de língua estrangeira. Andrade recorre, para isso, ao conceito de “estudante-zumbi”, forjado pelo escritor Claude Pujade-Renaud, na intenção de transformar significativamente a presença e a atenção de estudantes em sala de aula.

Dando sequência às abordagens pedagógicas deste dossiê, “Da antropofagia à gambiarra: discussões sobre produção e partilha do conhecimento estético na periferia do capitalismo” é o título do trabalho de Paula Regina Siega, Clarissa Damasceno Melo e Girleane Santos Araújo. Atentas aos temas propostos pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC, as articulistas investigam a maneira por meio da qual as inteligências artísticas, vinculadas à produção e fruição estéticas, podem ser pensadas com apelo à ideia de arte como jogo e ao conhecimento histórico-cultural construído, promovendo um debate que leva em consideração tanto a antropofagia oswaldiana quanto a expressão – genuinamente brasileira – “gambiarra”.

Em seguida, no artigo intitulado “A estética da ciência que deseja emancipação e as potências das metodologias participativas e interventivas”, assinado por Marcos Roberto dos Santos Amaral, discutem-se questões para o trabalho acadêmico que envolvam empatia e coapreciação dos sujeitos que compõem uma pesquisa. O caminho

trilhado pelo autor passa pela defesa da reconstrução da imagem de uma ciência que não reproduza as injustiças históricas cometidas contra comunidades marginalizadas. Para isso, o articulista recorre ao pensamento de Deleuze e Guattari, Bakhtin e Stuart Hall para o embasamento de sua proposição.

O artigo que encerra o dossiê é assinado pelos organizadores André Monteiro e Edmon Neto e leva o título “Das estéticas dos saberes”. Nele, os autores discutem de que modo a literatura é capaz de afetar o campo filosófico-pedagógico, a partir de debate travado, inicialmente, como o filósofo Antônio Cicero e, em seguida, com Deleuze, Barthes e outros. Pensam-se os saberes acadêmicos em uma dinâmica inventiva e livre, na medida em que o conhecimento construído no ambiente universitário possa ser frequentado pelo poético, levando em conta a invenção, a prática e a aprendizagem de algum pensar.

Há, ainda, uma seção de temática livre com os artigos “J. P. Cuenca e as vertigens da representação narrativa”, de Ana Paula Rocha de Souza e Fernando de Mendonça; e “Possível trajetória de uma poesia: Joaquim Cardozo como um canal na obra de João Cabral de Melo Neto”, de Éverton Barbosa Correia. E na seção Escrita criativa, os poemas “Casear”, “Inacreditável” e “Doeu”, de Douglas Batalha.

Em muitos aspectos, os artigos aqui organizados dialogam entre si, na medida em que buscam pensar a produção de conhecimento acadêmico de modo livre, o que exige um enfrentamento das forças que tentam, reincidentemente, sufocar a produção de diferenças. Nesse sentido, compete a nós pesquisadores a defesa irrestrita das universidades públicas brasileiras como espaços nos quais transita todo e qualquer conhecimento que possa contribuir para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Por isso, desejamos a todos uma excelente leitura e que esses artigos possam ajudar a pensar uma universidade ainda mais plural e produtora de singularidades.